

MIKHAIL BAKHTIN E A CULTURA GREGA ANTIGA

*João Vianney Cavalcanti Nuto**

RESUMO: Este ensaio analisa a contribuição do conhecimento da cultura grega da Antiguidade para a formação do pensamento de Mikhail Bakhtin. Demonstra como o diálogo socrático e os gêneros sério-cômicos contribuíram para a formação do gênero romance – na concepção de Bakhtin – pelo desenvolvimento da linhagem carnalizada desse gênero. Conclui que, embora não seja propriamente um helenista, Bakhtin contribui para os estudos da Grécia Antiga, ao explorar a criatividade literária do período helenístico.

PALAVRAS-CHAVE: Mikhail Bakhtin, Grécia Antiga, Período Helenístico, carnavalização, romance.

MIKHAIL BAKHTIN AND ANCIENT GREEK CULTURE

ABSTRACT: This essay analyses the contribution of the knowledge of Greek culture in Antiquity for Mikhail Bakhtin's achievement. It shows how the Socratic dialogue and serious-comic genres contributed to forming the novel – according to Bakhtin's conceptions – by developing its carnivalized line. It concludes that, although Bakhtin was not properly a Hellenist, he has contributed to Ancient Greece studies, by exploring the literary creativity of Hellenist period.

KEYWORDS: Mikhail Bakhtin, Ancient Greece, Hellenistic Period, carnivalization, novel.

Ao examinarmos a relação de Mikhail Bakhtin com a cultura grega antiga, não encontramos propriamente a obra de um helenista, no sentido estrito. Apesar de graduado em Filologia – e conhecedor do grego antigo – Bakhtin tinha sólida formação paralela em Filosofia; e sua obra inicia-se no domínio da Ética, em diálogo tenso com Kant e os neokantianos de Marburg. Este questionamento ético, com ênfase na alteridade, sempre esteve presente na obra Bakhtin, à medida que seu pensamento adentrava os campos da estética, da linguagem e da cultura em geral – o que levou o pensador russo a caracterizar sua obra como uma espécie de antropologia filosófica.

Contudo, sua relação com a Grécia Antiga não remete diretamente ao âmbito da filosofia, mas à literatura e a outros aspectos cultura grega. Mesmo quando se refere à obra de Platão, seu interesse concentra-se mais no diálogo socrático como gênero literário que em suas concepções filosóficas. Por outro lado, sua obra também nunca se restringiu aos estudos helênicos. Antes,

* Professor Adjunto de Teoria da Literatura da Universidade de Brasília.

buscou, na cultura grega, as fontes remotas para sua concepção do gênero romance e para a análise das obras de Rabelais e Dostoievski.

Outra peculiaridade da assimilação da cultura grega por Bakhtin é sua ênfase no período helenístico, em detrimento do ático, considerado a fase áurea da criatividade grega. Essa concentração do período helenístico deve-se muito à influência de Fadei F. Zielinski, que foi professor de Bakhtin na Universidade de Petrogrado. É dessa influência que provém a distinção, cara a Bakhtin, entre cultura oficial e cultura não-oficial, assim como a valorização dos gêneros sério-cômicos na Grécia e em Roma. Por este viés, Bakhtin procura estabelecer uma linhagem não-clássica do romance, à margem dos gêneros canônicos da poética clássica. Na concepção de Bakhtin, esta linhagem é a mais fecunda, pois é a que realmente desenvolve todas as potencialidades estilísticas do gênero romance.

Ao acentuar a influência dos gêneros sério-cômicos, Bakhtin inicia um estudo histórico do romance completamente inovador em relação à tradição influenciada pela poética clássica. Isto implica não somente ter revelado as fontes marginais, não-poéticas (no sentido da poética clássica) do romance, mas também ter valorizado essas mesmas fontes, ou seja, as características não-poéticas desse gênero. Assim aponta a insuficiência das teorias do romance influenciadas pela poética clássica e pela filologia, que tendiam circunscrever o romance ao âmbito da retórica ou a considerá-lo uma herança meio decaída da epopéia. Para se ter idéia do grau dessa renovação, basta lembrar que Hegel caracteriza o romance em sua relação com a poética clássica, ao considerá-lo uma epopéia burguesa moderna. Já Lukács, seguindo a concepção hegeliana, vê o romance como uma herança épica adapta a um mundo que se apresenta como problemático.

Bakhtin não nega propriamente o acerto dessas concepções, pois, em *Problemas da poética de Dostoievski*, admite a existência de três linhagens do romance: a épica, a retórica e a carnalizada. No entanto, chama a atenção para o fato de que a concepção do romance como descendente da epopéia não explica as peculiaridades estilísticas desse gênero. Se a epopéia e a retórica contribuíram para a formação do romance moderno, não é delas que provêm as características mais importantes do romance, mas dos gêneros sério-cômicos, presentes já no período clássico, mas dominantes no período helenístico. São os gêneros sério-cômicos que inauguram a linhagem carnalizada.

Ao criar o conceito de carnalização da literatura, isto é, da apropriação dos elementos próprios dos festejos carnavalescos pelas obras literárias, Bakhtin põe em prática sua orientação metodológica, explicitada já próximo do final de sua vida, de estudar o discurso literário em relação viva com outros elementos da cultura, não apenas em relação a infra-estrutura econômica, como costumava ser a análise marxista, dominante na União Soviética de sua época. O carnavalesco remete a rituais sacros oriundos de tempos imemoriais, dos quais os ritos dionisíacos, em seu tom original mais voltado para o cômico, seria um momento já tardio. Essa

relação com o carnavalesco está presente muito mais na comédia que nos gêneros elevados; e muito mais nos gêneros sério-cômicos que na comédia “pura” – especialmente aquela que, mais tarde, buscou o respeito da unidade horaciana de tom. No período ático, o sério-cômico manifesta-se no drama satírico e em um gênero completamente não-poético (no sentido clássico): o diálogo socrático – supostamente mais carnavalesco no discurso oral de Sócrates que na recriação literária de Platão.

Tanto no drama satírico como no diálogo socrático, Bakhtin encontra alguns elementos que contribuem para uma visão romanesca do mundo: a dessacralização, pelo riso e pela ironia; a ênfase na contemporaneidade e em uma visão histórica do mundo, em oposição ao passado idealizado da épica, ainda muito influenciada pelo passado mítico. Em “Epos e romance”, Bakhtin afirma que o romance, ao contrário da epopéia, é um gênero inacabado, em dois sentidos: é inacabado como gênero que sempre se renova, ao contrário da epopéia que logo consolida e enrijece suas linhas gerais; é inacabado também por expressar um mundo em constante transformação, um mundo aberto para todo tipo de surpresas que abalam as concepções antigas. O romance é o gênero que privilegia a historicidade, ao ver o passado sempre com o olhar crítico do presente, por oposição àquele passado fechado, idealizado, da epopéia. Além disso, ao contrário de todos os gêneros poéticos – e mesmo dos gêneros marginais que lhe deram origem – o romance é o único gênero estritamente literário, pois ter se formado pelo desenvolvimento da cultura letrada. Por esses motivos, tem muita afinidade com Bakhtin caracterizar o romance como gênero “pós-antigo”, como afirma Jacintho Lins Brandão, a respeito da sátira menipeia e do romance sofisticado.

A outra fonte do romance é inteiramente helenística: a sátira menipeia. Nesta encontramos plenamente desenvolvidos os elementos carnavalescos: mistura do sério com o cômico; *mésalliances*, mundo paralelo às avessas, com rebaixamento dos personagens e personalidades elevadas; presença de gêneros intercalados poéticos e retóricos, com mistura de verso e prosa; ênfase em estados psicológicos anormais, como o sonho, o delírio e a loucura, vistos de maneira ambivalente; abundância da representação grotesca. Sem descartar a influência da epopéia e da retórica, é a linhagem influenciada pelo diálogo socrático e pela sátira menipeia que Bakhtin considera mais fecunda. É mesmo a linhagem do “verdadeiro” romance, que tem, entre seus maiores representantes, Rabelais, Cervantes, Dickens, Gogol e Dostoievski.

Este privilégio da influência dos gêneros sério-cômicos, em detrimento das influências dos gêneros poéticos e estritamente retóricos, explica-se pela concepção bakhtiniana da linguagem romanesca, que envolve, também, uma reflexão sobre o caráter artístico da prosa, diferente da arte da poesia. Para Bakhtin o romance é um gênero pluriestilístico, pluridiscursivo e plurivocal. Relaciona-se com o que Bakhtin chama de forças centrífugas da língua como fenômeno social, forças que geram a estratificação e dispersão, ao contrário das forças centrípetas, voltadas para a unificação lingüística. É neste sentido que o romance foge da orientação épica para o tom elevado

e da orientação retórica para o discurso elegante. Tanto o poeta como o prosador – como falantes – vivem no mundo de diversidade lingüística e discursiva, mas este trabalha artisticamente, de maneira intensa, com esta diversidade. Não se trata, porém, de valorizar apenas a diversidade estilística e discursiva, por si mesmas: a simples mistura de estilos não garante um bom romance. A principal característica da pluridiscursividade romanesca é ser intensamente dialogizada: os diversos discursos do romance criticam-se mutuamente, não existindo mais uma concepção ingênua de língua pura, superior ou sagrada. Ao contrário do que costumava acontecer em certa vertente da comédia ou mesmo de romances mal realizados, os estilos de outrem não tem função apenas de caracterização, mas deixa transparecer visões de mundo específicas, muitas vezes antagônicas. Ao utilizar o termo “plurivocalidade” Bakhtin remete a idéia de que cada discurso é uma voz, isto é um sujeito com plenos direitos de ter sua visão de mundo representada.

Para Bakhtin, um dos maiores talentos do romancista é a capacidade de trabalhar com a linguagem de outrem, mas não se trata apenas de imitar. O romancista deixa transparecer a alteridade, por meio da estilização e da paródia. Assim, deixa, sutilmente, as marcas de uma bivocalidade, em que cada discurso aparece – de maneira implícita ou explícita – à luz de outro. No caso da paródia – que, na concepção bakhtiniana, não se resume à imitação burlesca de um texto por outro – as marcas revelam um clima tenso, de discordância estilístico-ideológica entre a linguagem estilizadora e a linguagem estilizada.

Perpassa todas essas concepções, a relação tensa entre cultura oficial e cultura não-oficial, que será a tônica da análise de Rabelais por Bakhtin. Isto também explica a preferência de Bakhtin pelo período helenístico e pelos gêneros sério- cômicos. O período helenístico pode não ser considerado o mais brilhante em relação ao cânone clássico, mas, como período de crise (também no sentido positivo de transição) foi aquele que desenvolveu o potencial latente dos gêneros marginais, chegando a criar novos gêneros como a sátira menipeia e o romance sofisticado. Foi também o período de avanço da cultura letrada (não tanto pelo avanço da alfabetização em si, mas por certa maneira mais “prosaica” de pensar, mais racionalista e menos dependente de recursos mnemônicos e, portanto, do verso com função pragmática), contribuindo mais intensamente para a transformação da Poesia em Literatura (embora este último termo ainda não remetesse à formação discursiva que conhecemos hoje, só desenvolvida por volta do século XVIII).

Também a ênfase de Bakhtin nas forças centrífugas do funcionamento social da língua contribui para sua valorização do período helenístico. A dissolução da *polis*, absorvida pelo império de Alexandre e depois pelo império romano, contribui para uma consciência de descentralização lingüística mais acentuada, tanto pelo contato do homem grego com outros povos de maneira menos etnocêntrica, quanto pela utilização do grego como língua franca em regiões onde predominavam outras culturas. Saliente-se que os principais representantes da sátira menipeia, Menipo e Luciano, embora tenham escrito em dialeto ático, são de origem síria.

Independentemente de terem sido ou não falantes do grego como língua materna, este simples fato gera uma consciência não somente de línguas diferentes, mas também de mundos culturais diferentes, em relação muitas vezes de tensão. Esses homens eruditos, de formação letrada, mas também praticantes hábeis da retórica, habitaram um mundo mais apropriado para trabalharem com gêneros mais afins ao desenvolvimento, um mundo mais romanesco que épico, em que a palavra sagrada, inquestionável, que Bakhtin denomina de palavra autoritária, vê-se obrigada a conviver, com os germes, em desenvolvimento de um tipo de palavra própria do romance: a palavra internamente persuasiva. Portanto, em vários sentidos, o período helenístico favorece aquela tensão entre cultura e língua oficiais e não-oficiais tão importantes para o desenvolvimento do melhor romance. Essa mesma tensão, de maneira muito acentuada, Bakhtin observa no Renascimento, com a revalorização da sátira menipeia, que teve como uma de suas maiores manifestações a obra de Rabelais. Também aponta os mesmos traços na Rússia de Dostoievski, mas, principalmente na União Soviética de sua própria época, em que a diversidade da cultural e lingüística tendia a ser vista como um obstáculo a ser superado na construção da sociedade socialista.

A relação de Bakhtin com a cultura grega também se manifesta em seu estudo do cronotopo. Mais que simples fusão de espaço e tempo, o conceito de cronotopo envolve valor: a maneira como cada cultura recorta e atribui sentido – incluindo a dimensão ética – ao espaço-tempo. Aqui o pensamento de Bakhtin, embora se concentre no fenômeno literário, é indiretamente antropológico, ao perceber que cada cultura, atribui valores específicos ao espaço e ao tempo. Igualmente, cada gênero produzido em determinada cultura apresenta um tratamento artístico específico do cronotopo, sendo este o elemento mais importante da constituição de qualquer gênero. Em “Formas do tempo e do cronotopo no romance”, Bakhtin analisa os cronotopos dos romances grego e romano, dando assim uma contribuição decisiva para a compreensão desses gêneros literários nem sempre devidamente valorizados. Assim, observa o tempo de aventuras impulsionadas pelo acaso, relacionado com a idéia de provação, no romance grego; assim como o papel das peripécias na transformação do caráter, no romance *O asno de ouro*, de Apuleio. Também analisa a transformação das relações – e das representações literárias – entre vida pública e vida privada na Grécia do período helenístico e romano. Com isso, demonstra a contribuição dessas formas antigas de narrativa – marcadas pelo tom antiépico – para o desenvolvimento do romance moderno.

Como exposto, a obra de Bakhtin não é propriamente de um helenista. Mas, se a cultura grega serviu de base a Bakhtin, contribuindo para a criação de uma poética histórica que explicasse o desenvolvimento do romance, não se pode deixar de reconhecer que Bakhtin também contribuiu para os estudos gregos ao explorar a contribuição criativa, não somente erudita, do período helenístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tr. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Unb, 1993.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tr. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Tr. Daniela Miotello Mondardo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tr. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tr. Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: Editora da Unesp/Hucitec, 1990.
- BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, B. *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, J. L. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da UnB, 2005.
- BRANDÃO, J. L. *A poética do hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2001.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Tr. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- HEGEL, G. W. F. *Curso de Estética: o sistema das artes*. Tr. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. Tr. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tr. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

Recebido em 17/09/2009

Aprovado em 04/12/2009.